

O DRAMA DE "CANUDOS": À ESCOLA NÃO VOU! Terapia Familiar no Lagamar, uma favela de Fortaleza

Carlos Arturo Molina—Loza *

Maria de Lourdes Gomes Calixto *

Maria de Nazaré de Olivejra Grafa *

Transforme aquele papel num barquinho
e vá remar
Seu pranto transforme em água corrente
para o mar
E depois transforme em chuva
para a plantação regar
E transformar as sementes
Em frutos do seu pomar
Transforme seu coração para ele poder amar
Transforme a dor na canção
Que faz o amor despertar
Encontre a luz dos seus olhos
com o brilho do luar
E seja mais uma estrela
No céu a se eternizar.

Francinete Alves de Oliveira

Uma análise do contexto sócio-econômico e cultural geral das famílias nas quais se apresentam as crises e uma descrição detalhada da situação das famílias carentes servem de base para a exposição da nossa proposta de intervenção terapêutica.

O enfoque terapêutico é ilustrado com a apresentação de um caso clínico: a família Carvalho (na favela do Lagamar, em Fortaleza).

Em conclusão apresentam-se as propostas inovadoras que puderam facilitar a intervenção terapêutica junto às famílias carentes das favelas.

(*) Centro de Estudos da Família — Fortaleza.

INTRODUÇÃO

Ao passarmos da concepção intrapsíquica individual para uma abordagem circular sistêmica da problemática humana, tínhamos compreendido que o sintoma apresentado pelo **paciente identificado** que a família nos trazia, devia ser percebido e entendido no seu contexto familiar e que só poderíamos produzir uma mudança na situação, uma melhora, uma saída para a saúde ao compreendermos esse contexto e centrarmos nossa ação terapêutica no mesmo.

Na nossa realidade, a demanda das famílias carentes das favelas tem nos obrigado a fazer uma nova revisão das nossas concepções e atitudes e a nos perguntarmos se é possível limitar-se a uma compreensão do contexto familiar, deixando de lado a compreensão do contexto maior — comunitário em que se desenvolve a própria família.

As dificuldades escolares (quer sejam problemas de aprendizagem, problemas de conduta, rejeição à escola ou ao estudo, agressividade com os colegas e irmãos, etc.) constituem uma das queixas mais freqüentes apresentadas pelos pais que levam seus filhos ao consultório para uma terapia.

Normalmente, segundo a visão sistêmica tradicional, tentaríamos buscar qual seria a **função** da sintomatologia da criança dentro do grupo familiar, e daí partiríamos para uma releitura da situação e uma modificação do sistema em conjunto.

Sentido que esta resposta limitava seriamente nossas possibilidades de compreensão e de intervenção, tentamos refletir em termos de sistemas maiores. Tínhamos que ampliar nossa visão além do limitado círculo familiar. Só assim poderíamos saber se alguns dos problemas que aparecem como sintomas individuais ou familiares estão inscritos em sistemas mais complexos. Poderíamos, também, tentar saber se esses mesmos sintomas cumprem, em relação à sociedade, **funções** que fazem com que sejam necessários à subsistência da mesma.

Será que a dificuldade escolar é **escolhida** pelas famílias para manifestar a disfunção familiar? Poderiam ter es-

colhido para o efeito outro sintoma qualquer ? Ou então, será que existem poderosas razões contextuais e sociais, que estariam determinando o surgimento desses problemas ?

Essas e outras perguntas nos levaram a refletir sobre a possibilidade de terem as "dificuldades escolares" das crianças que recebíamos em consulta determinantes suprafamiliares e sociais.

A seguir, apresentaremos alguns dos elementos desta reflexão bem como nossas conclusões e os primeiros resultados de sua aplicação terapêutica prática no trabalho que realizamos.

ESCOLA DA VIDA OU ANTE-SALA DA UNIVERSIDADE ?

Nossa sociedade parece ter integrado a idéia de que o sucesso na vida deve ser medido pelo ingresso na Universidade, num primeiro momento, e, mais tarde, pela formatura universitária.

A escola está concebida em função dessa exigência: preparar o ingresso na Universidade. Desde o Jardim (para quem tem direito, porque a maioria das Escolas Públicas não começa no Jardim), a estrutura da Escola está orientada pelos princípios capitalistas de competição, de rendimento, etc. A função do estudo é a obtenção de uma nota (que deve ser a mais alta possível); estuda-se para ser o melhor, para ganhar dos colegas, para passar de ano e não para aprender, para saber.

A Escola não tem como função contribuir para o descoberta e desenvolvimento de aptidões e capacidades dos alunos. O ensino é homogêneo e independe das condições e recursos da região.

Essa situação é comum a **todas** as crianças e jovens, tanto os das classes populares que freqüentam escolas públicas, como das classes média e alta que freqüentam as escolas privadas. Todas estão submetidas à mesma pressão que, em termos gerais, para todas é profundamente negativa¹.

Mas para a criança pobre a situação é duplamente complicada. Ela vive em um meio social que a define, desde o nascimento, como perdedora. Mal alimentada, mal vestida,

precariamente alojada, sem opções reais de lazer, em poucas palavras, mal preparada, como poderá enfrentar a ideologia competitiva que reina na escola? Será possível que esteja pronta para o confronto com colegas — concebidos como rivais que deverá vencer, se toda sua experiência de vida a orienta num sentido contrário?

ESCOLA	PRIVADA	PÚBLICA
Prédios	Bons e adaptados	Precários e inadaptados
Equipe docente	Formação adequada Mau salário	Formação deficiente Péssimo salário
Material didático	Boa qualidade, abundante	Pobre qualidade, escasso
Pedagogia	Moderna	Ultrapassada
Número de alunos	Limitado	Superlotação
Psicólogo escolar	Um ou mais	Inexistente
Laboratórios		
— Línguas	Existentes	Inexistentes
— Química	Existentes	Inexistentes
— Física	Existentes	Inexistentes
— Computação	Existentes	Inexistentes
Instalações esportivas	Diversificada	Inexistentes

A criança pobre parece colocada em um beco sem saída. Se fracassa na escola, será um problema para a família, se, pelo contrário, é bem sucedida, terá também um sério problema com relação aos seus pais e aos próprios irmãos.

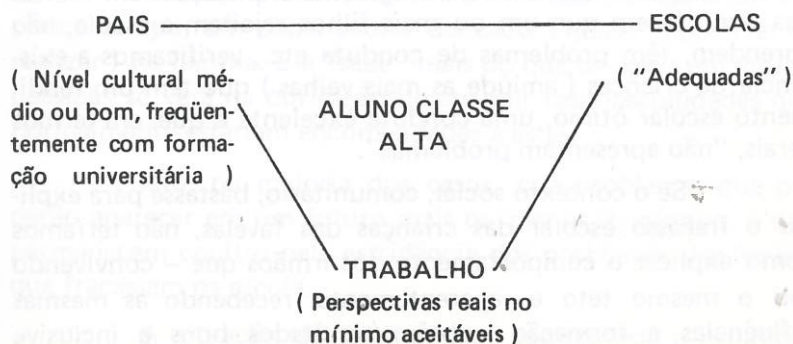
Uma rápida visão comparativa das condições respectivas das escolas públicas e das escolas privadas nos dará uma primeira aproximação e essa diferença.

Esse quadro pode ser completado por um outro que mostra algumas das condições que rodeiam as crianças e jovens das diferentes classes sociais.

	CLASSE ALTA	CLASSE BAIXA
Nível de estudos dos pais	Bom ou muito bom	Sem estudos, amiúde analfabetos
Ambiente Familiar	Favorável ao estudo: com bibliotecas, possibilidades de experiências diversas (cinema, teatro, viagens).	Desfavorável ao estudo, ausência de estímulos (livros e outras possibilidades: cinema, teatro, viagens).
Ambiente social (Bairro)	Favorável. Amizades com níveis de estudo superiores.	Desfavorável. Amizades com pessoas sem formação escolar básica.

Em relação com as crianças e jovens das classes altas, é necessário acrescentar que, mesmo sabendo que nem sempre as opções que lhes são oferecidas têm muito a ver com as suas reais aptidões e desejos, a pressão para o estudo (e o ingresso na Universidade) se realiza em um contexto relativamente favorável que, até certo ponto, facilita a aceitação da situação.

O esquema da situação seria o seguinte:



No intuito de explicar essa aparente contradição, observamos cuidadosamente qual era o comportamento dos componentes da família em relação com toda a problemática e chegamos à seguinte conclusão:

As crianças das famílias carentes das favelas, cujos pais têm pouca formação escolar (amiúde são analfabetos), se defrontam com uma situação extremamente complexa e delicada.

A MIRAGEM DO FILHO DOUTOR

Os pais têm assimilado completamente a crença de que a única maneira de sobreviver (dignamente) é a obtenção de um alto nível de estudos, de um título universitário. Ter um filho que estuda é um dos seus grandes sonhos. O filho "Doutor" será um seguro meio de ascensão social. A atitude dos pais é, pois, de um lado, de pedido de aplicação ao estudo, de identificação com o modelo do sucesso escolar.

A criança recebe uma mensagem clara: seja bom, estude (seja Doutor). Porém, esta mensagem tem uma cara oculta; ao pedir ao filho que estude, os pais pedem, ao mesmo tempo, que sacrifique seu desejo de identificação com o modelo parental e que se identifiquem com modelos de conduta que só se encontram fora do âmbito familiar. Obedecer aos pais quer dizer, neste caso, tentar não ser como eles.

Quando a criança aceita a "missão", chega a ter, em pouco tempo, um papel muito delicado (quase impossível de realizar) na família. Ela "sabe" mais do que os pais e em muitas ocasiões se verá na obrigação de assumir responsabilidades que normalmente estariam encomendadas a estes.

Isto, na maioria dos casos, cria problemas que poderão aparecer em um futuro mais ou menos longínquo, e que permanecem ocultos pela estridência dos problemas dos irmãos que fracassam na escola.

A situação da criança bem comportada e estudiosa poderia ser esquematizada da maneira seguinte:

PAIS IGNORANTES

(Proposta de identificação com um modelo bom extrafamiliar)

Rejeição do modelo real parental.

FILHOS ESTUDIOSO
(Bem comportado)

Aceitação do Modelo ideal (social).

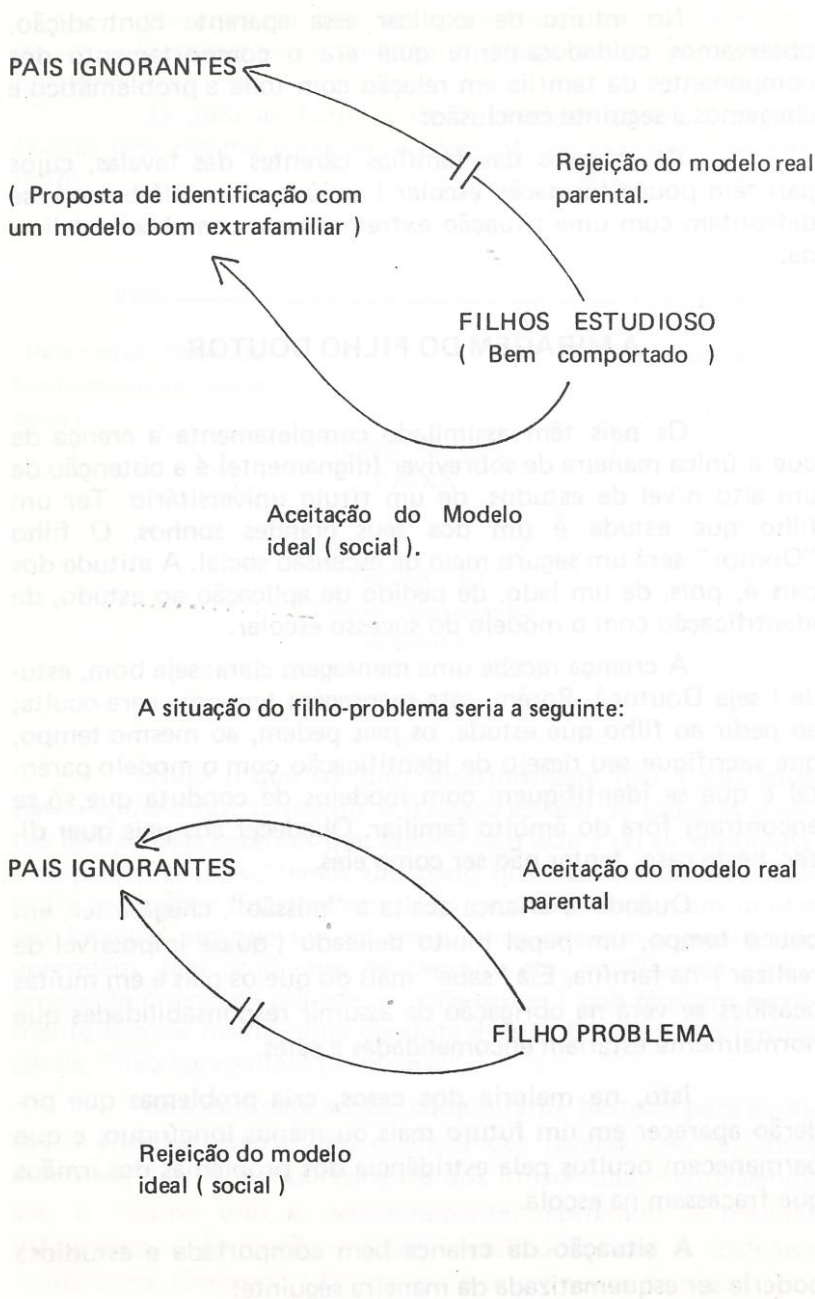
A situação do filho-problema seria a seguinte:

PAIS IGNORANTES

Aceitação do modelo real parental

FILHO PROBLEMA

Rejeição do modelo ideal (social)



A situação dos filhos problemáticos nos parece muito mais complexa se levamos em conta as respectivas identificações dos próprios pais. Se por um lado estes parecem satisfeitos com o comportamento e as atitudes do filho "modelo", por outro, de uma maneira "velada", mostram e fazem sentir à criança com dificuldades escolares o mau comportamento, uma espécie de aprovação.

É freqüente que os comentários sobre as "danações" venham acompanhados de mensagens não verbais aprovatórias. De certa maneira, os pais manifestam sua identificação com a criança problema que, de fato, rejeita uma proposta de modelo cultural que constitui a viva negação da realidade dos pais.

Ambos os tipos de crianças (bem comportadas e danadas) encontram-se presos a uma contradição irresolúvel do tipo **duplo vínculo**. "Se fazes o que te peço (estudar) provas que me amas, mas, fazendo-o, és diferente e me rejeitas (não me amas)". Ou, também, "Se não fazes o que te peço (estudar) provas que não me amas, mas, não o fazendo, és como eu, não me rejeitas (me amas)".

Esta situação é, até certo ponto, menos delicada e comprometedora para as crianças exemplares. Elas contam com a aprovação e o estímulo das professoras na escola, bem como de outras fontes extrafamiliares. As crianças problema recebem uma reprovação aberta e clara em todos os meios que freqüentam. O "apoio" parental é apenas velado.

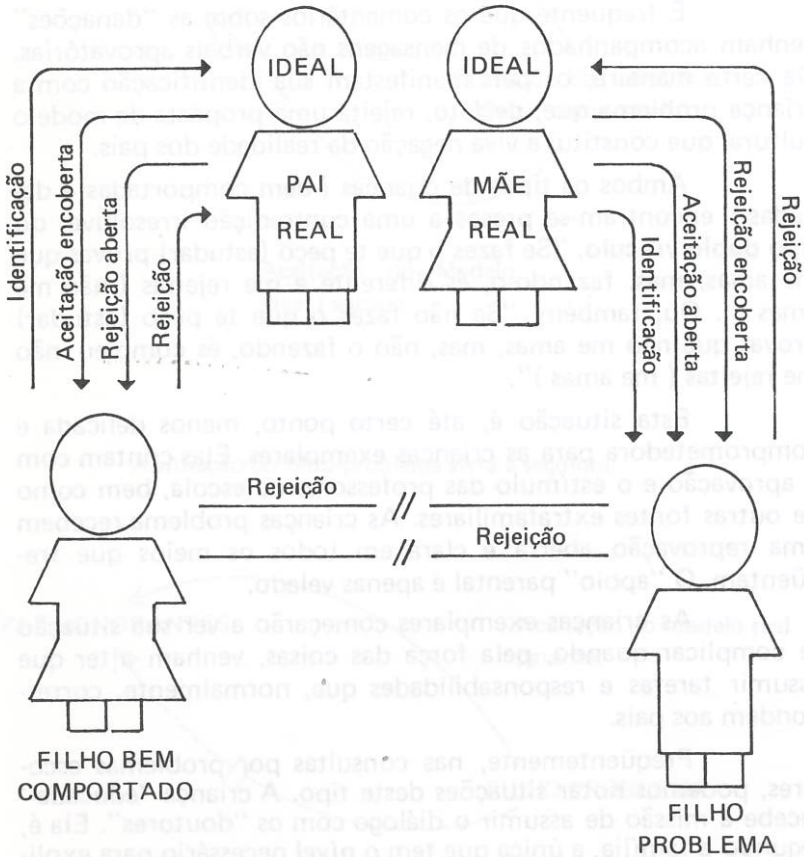
As crianças exemplares começarão a ver sua situação se complicar quando, pela força das coisas, venham a ter que assumir tarefas e responsabilidades que, normalmente, correspondem aos pais.

Freqüentemente, nas consultas por problemas escolares, podemos notar situações deste tipo. A criança "educada" recebe a missão de assumir o diálogo com os "doutores". Ela é, segundo a família, a única que tem o nível necessário para explicar corretamente a situação aos doutores. Esta situação não lhes é desconhecida, já viveram momentos semelhantes na escola, tendo que falar com a professora do irmão problema representando os pais, funcionando como responsável.

Essa prematura **parentalização** da criança bem comportada a levará, com muita probabilidade, a ser, em outro

momento, o motivo de consulta... quando os pais se queixarão de que não têm autoridade sobre ela, que só quer fazer suas vontades, que não os respeita etc.

Um esquema simplificado desse tipo de família seria:



As posições dos filhos Bons e Maus terão tendência a evoluir em sentidos opostos e contraditórios. Mas o irmão é "ruim"; mas a criança deve ser bem comportada e dar o bom exemplo. Do outro lado também acontece algo semelhante: mas o outro é "bonzinho"; mas a criança problema deve ser "ruim".

Os pais dificilmente conseguem administrar uma situação como essa. As brigas entre irmãos são cada vez mais freqüentes e a situação torna-se cada vez mais insuportável. Precisa-se da intervenção terapêutica.

A TERAPIA

Nossa primeira tarefa com essas famílias consiste em tentar encontrar os elementos positivos, sadios, com que conta a família. Isto nem sempre é simples, na maioria dos casos as famílias parecem querer demonstrar que sua "escolha" do paciente designado está perfeitamente justificada: ele é verdadeiramente quem concentra todos os defeitos imaginados e imagináveis.

Um breve resumo das informações sobre o paciente identificado no curso da primeira parte da primeira entrevista poderia ser: "o menino não presta", (mas não presta mesmo!).

Os pais se sacrificam, fazem tudo para que ele possa ter as melhores condições de vida (que eles próprios nunca tiveram), que estude e possa garantir seu futuro (estudo que eles nunca tiveram). Mesmo assim, a criança é mal comportada e não quer saber de nada.

A FAMÍLIA CARVALHO

Os Carvalho nos foram encaminhados por uma equipe de psicólogos que haviam tentado um atendimento individual com Alberto e uma reunião com a família. O atendimento individual não estava dando resultado porque Alberto rejeitava a consulta. No que diz respeito à reunião com toda a família, essa nunca chegou a ser realizada por falta de comparecimento do pai.

A queixa principal era a conduta agressiva de Alberto (não obedecia, jogava pedras, quebrava tudo, implicava com o irmão mais novo, era insuportável na escola e não aprendia nada). Durante nosso primeiro encontro, Alberto tentou nos mostrar que realmente sua reputação era merecida. E havia algo mais: Alberto quase não falava e quando o fazia era apenas monossilabicamente. A nossa primeira impressão foi: "Isto não tem terapia familiar que dê jeito..."

Com a mãe, que acompanhava Alberto no nosso primeiro encontro, ficou estabelecido que só trabalharíamos conjuntamente para ajudar a Alberto na condição que viessem à consulta TODOS os membros da família, isto é, também e fundamentalmente o pai.

A PRIMEIRA ENTREVISTA FAMILIAR *

Nesse primeiro encontro com o grupo familiar completo obtivemos o seguinte quadro geral: o pai não tem nenhuma autoridade na família; quando tenta falar, gaguejando, é constantemente interrompido pela mãe, que prefere que seja a filha que fale conosco. Parece aceitar, com paciência, sua condição de desqualificado, de anulado. É analfabeto e se considera um ignorante.

A mãe, também analfabeta, considera-se igualmente ignorante. Não tem autoridade com os filhos, mas dirige o diálogo impedindo que o pai se manifeste e catucando a filha, para que seja ela quem fale.

Luíza, a filha mais velha, 13 anos, é autoritária e "sabichona", desempenha com perfeição o papel de delegada parental. Implica com os irmãos, particularmente com Alberto, o paciente identificado.

Alberto, 11 anos, não fala, é desobediente, briguento, louco, destrutor, desagradável, rebelde, não aprende nada na escola, em outras palavras, é insuportável.

(*) Esta terapia foi realizada por uma equipe constituída por dois terapeutas, CARLOS ARTURO MOLINA-LOZA e NAZARÉ de OLIVEIRA FRAGA, e duas observadoras-participantes: LOURDES GOMES CALIXTO e AUXILIADORA VIEIRA VITORIANO.

Pedro Filho, 9 anos, é muito parecido com Alberto, mas não há queixas sobre ele.

INTERVENÇÃO

Dentre todos os dados recolhidos apenas um nos permite elaborar uma intervenção: Alberto sempre insiste em acompanhar seu pai nos seus percursos como vendedor ambulante de carne. Reinterpretamos a situação afirmando que Alberto mostra um verdadeiro interesse pelo conhecimento da atividade de seu pai. Ele tem razão e merece conhecer esta atividade. Mas só terá direito a acompanhá-lo caso seu comportamento melhore.

Até o momento, a negativa dos pais em aceitar o pedido de Alberto se baseava em que ele não agüentaria a caminhada e que incomodaria ao pai no trabalho.

Por outro lado, cortamos todas as manobras da mãe e fazemos questão de escutar ao pai. Sua versão dos atos nos interessa.

SEGUNDA SESSÃO

Houve uma melhora no comportamento de Alberto. Ele acompanhou ao pai um dia e não deu trabalho. Ambos, pai e filho, pareciam muito satisfeitos. Essa tinha sido, quicá, a primeira ocasião de compartilharem uma atividade.

Insistimos na palavra do pai. Pedimos nos fale de sua vida e de suas experiências. Família e terapeutas se unem para constituir um público atencioso. Exploramos a situação no sentido do descobrimento, pelos filhos, do **saber do pai**. Eles não sabiam que o seu pai sabia tudo isso!

Favorecemos o diálogo pai-mãe. Marginalizamos a Luíza como adulta. Ela é criança.

Falando em brinquedos, uma das terapeutas pergunta pelos brinquedos que usava o pai no sertão. Sua resposta nos serve para reforçar seu papel como personagem central na fa-

mília. Ele fabricava seus brinquedos (boiada) com chifres de boi. Sublinhamos sua criatividade e pedimos que fabrique uma **boiada** para que Alberto possa brincar como ele brincava quando era criança. O pai é ainda mais importante. Sua autoridade vai crescendo.

Pedimos um desenho (tarefa de casa) à Luíza.

TERCEIRA SESSÃO

Alberto tem feito novos progressos, está muito menos agressivo. Fala com mais liberdade e tem melhorado sua relação com seu pai e com os outros membros da família.

Descobrimos que Alberto tem **aptidões** para a pecuária. Gosta de bichos e de plantas. Elogiamos mais uma vez sua semelhança com seu pai, um homem do sertão (nem sempre para ser um homem de bem é necessário saber ler...). É uma família muito rica: uns gostam de letras (Luíza) e outros de trabalho manual (Alberto).

Pedimos a Alberto que passe pelo Centro para receber um pinto. Ele deverá cuidar dele e ser responsável pela sua alimentação.

Luíza trouxe o desenho (copiado). Nós o rejeitamos. Queríamos um desenho dela, original. Mantivemos a tarefa para a próxima sessão.

QUARTA SESSÃO

Pedro Filho quis ter seu próprio pinto. Trabalhou e com o produto do seu trabalho comprou um. Luto na família. O carro da SUCAM com seu inseticida acabou prematuramente com a granja: os pintos morreram.

Esquecemos o paciente identificado. Falamos sobre a família, como se conheceram os pais e outras estórias.

A conduta de Alberto tem melhorado muito. É bem comportado e deixou de ser agressivo. Fala muito

mais conosco. Continua saindo com o pai e tem uma série de responsabilidades em casa.

Luíza traz um novo desenho... ainda copiado. Rejeitamos e pedimos outro.

QUINTA SESSÃO

Alberto viajou para o sertão com um tio. Seu comportamento foi exemplar, e todo mundo gostou dele. Os pais pensam que ele seria um bom agricultor. As queixas desapareceram. Nossa sessão é mais de conversa leve.

Novamente nos declaramos descontentes com o desenho (copiado) de Luíza. Queremos outro. Nossa próxima sessão será na casa deles.

A VISITA DOMICILIAR

A casa está preparada para receber-nos. Os brinquedos fabricados pelo pai num primeiro plano. Alberto nos recebe e nos mostra seus pintos (dois) crescidos e bem cuidados, a cabra e a porca, que também dependem dos seus cuidados. Conversa conosco sobre suas atividades. Não tem mais o aspecto de "bicho do mato" que luzia no nosso primeiro encontro.

Luíza nos entrega um desenho... original. Ela não parece mais uma prematura. É uma criança. Com os irmãos... que lidem os pais.

As razões pelas quais fomos procurados não existem mais. Alberto cumpre com suas responsabilidades com zelo e não dá motivos de queixa. Ficarão as saudades, claro, mas essa foi nossa última sessão.

VISITA DOMICILIAR (DEVOLUÇÃO)

Um tempo após o fim da terapia, um dos terapeutas (Carlos Arturo) recebe a visita da família. Somos vizinhos. A

casa está a 100 metros da favela do Lagamar. Tudo continua bem. É uma visita de cortesia, pelo prazer, sem motivo... de consulta.

CONCLUSÃO

Para concluir, podemos dizer que o nosso trabalho caracteriza-se por quatro pontos que a seguir resumiremos.

A mudança: Para podermos contribuir eficazmente para a transformação da família, nossa equipe terapêutica sai do campo da observação para incluir-se como parte do objeto da mudança. À medida que a terapia avança, **muda** a própria concepção, a atitude, o envolvimento e nossa própria linguagem. Cada vez falamos melhor o "favelês".

A saúde (versus a doença): Nossa tarefa central consiste em resgatar todos os elementos de saúde apresentados pela família. Mesmo quando a família se empenha em dar uma imagem totalmente negativa e sombria, aproveitamos qualquer indício de saúde, de capacidade, de crescimento, de felicidade, de amor. É sobre esses elementos (sempre presentes em qualquer família, por mais disfuncional ou patológica que inicialmente possa parecer) que construímos nossa intervenção. Em outras palavras, nossa função é contribuir para a extração das potencialidades, junto com a família, de crescimento e transformação que possui.

A cultura: A "releitura", "reconstrução da realidade ou "redefinição" da demanda familiar, se realizam fundamentalmente levando em conta as particularidades culturais do grupo familiar. É explorando esses recursos (contribuindo para a descoberta de riquezas ignoradas e nem sempre reconhecidas como tais) que fazemos possível a mudança e o necessário aumento da auto-estima dos membros da família.

O poder: No primeiro encontro com a família, nossa equipe terapêutica é quem decide, manda e tem o poder. O problema é da família, nós decidimos quem vem à terapia e só aceitamos o trabalho conjunto se eles, por sua vez, aceitam nossa "imposição". No curso do trabalho esse poder vai sendo

progressivamente transferido para a família já redefinida e reestruturada sobre bases sadias.

A entrevista de alta — visita domiciliar — fecha essa transmissão do poder. A família nos recebe, é ela que está no seu terreno, e é nesse terreno que se elabora a última redefinição: foram eles que fizeram o trabalho e conseguiram, pela sua solidariedade, sua dedicação e seu amor, as mudanças almeçadas.

NOTA:

(1) Poderíamos citar, utilizando nossa casuística, múltiplos exemplos de jovens acomodados que pelas mesmas razões entram em conflito com a escola.